

Sobre as Pastoras e suas ervas: uma análise da atuação da Pastoral da Saúde no bairro Saco Grande, em Florianópolis - SC

Milena Argenta - UFSC

OBJETO E OBJETIVOS

Este estudo tem como principal objetivo analisar o trabalho desenvolvido pela Pastoral da Saúde no bairro Saco Grande, em Florianópolis / SC à luz da abordagem antropológica sobre as práticas populares de cura e sua relação com a medicina ocidental moderna. No bairro Saco Grande, a Associação Vida Verde, criada e mantida por voluntárias da Pastoral da Saúde, desenvolve um trabalho de cultivo de plantas medicinais, produção e comercialização a preços módicos de medicamentos fitoterápicos sob a forma de tinturas, xaropes, pomadas, géis e cremes.

METODOLOGIA

- Pesquisa bibliográfica sobre a produção intelectual acerca do tema nas ciências sociais e também em disciplinas da área de saúde como a medicina.
- Observação do cotidiano da Associação Vida Verde, das situações de atendimento, acolhimento e orientação dos usuários.
- Realização de entrevistas semi-estruturadas com as voluntárias sobre a atuação da Pastoral e suas concepções em relação à “perturbações de ordem físico-moral” ou “distúrbios psicológicos”.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

A atuação da Pastoral da saúde pode ser classificada como uma prática de “medicina popular”, segundo a definição de Queiroz: “todas as representações e práticas relativas à saúde e à doença que se manifestam independentemente do controle da medicina oficial, aquela medicina institucionalizada e regulamentada pelo poder público” (QUEIROZ, 1993: 274). Porém, se em alguns aspectos as concepções e práticas da Pastoral da Saúde se aproximam daquelas considerados “populares”, em outros se distanciam, aproximando-se mais das usualmente vinculadas à medicina ocidental moderna ou biomedicina, cujas premissas básicas incluem racionalidade científica, dualismo corpo-mente, visão da enfermidade como uma entidade ontológica, etc. (IRIART, 2003).

O trabalho realizado pela Pastoral com a fitoterapia se estabelece como legítimo em relação às práticas de cura características do catolicismo popular, como rezas e benzeduras, por exemplo, pois encontra respaldo no conhecimento científico sobre plantas medicinais e fitoterapia. Pode perceber na leitura dos documentos produzidos pela instituição e também no discurso das voluntárias uma grande preocupação com a qualificação dos agentes, através de cursos, palestras ou “encontros de estudo”, o que confere validação e legitimidade ao trabalho que desenvolvem com as plantas medicinais, diferenciando-o das práticas de “curandeiros” ou outros agentes de cura popular que também fazem uso de plantas medicinais.

Essa aproximação com a abordagem biomédica no que diz respeito à racionalidade científica se manifesta nas práticas das voluntárias da Associação Vida Verde. Elas valorizam o conhecimento popular sobre plantas medicinais transmitido “de geração para geração”, mas procuram “qualificá-lo” com muito estudo. Elas mantêm alguns livros sobre plantas medicinais no laboratório e também no balcão, para consulta em caso de dúvidas quanto à manipulação, os usos e as indicações das plantas, além de participarem de cursos e eventos sobre o tema.

Em relação às percepções das voluntárias sobre o corpo e os processos de adoecimento, tratamento e cura, há também uma aproximação com as premissas da biomedicina, visto que concebem o corpo humano dividido em partes e os males que o afligem nas devidas áreas de especialidade.

Diversos autores tratam as práticas populares de cura como orientadas por uma lógica própria, na qual as percepções e explicações para as doenças frequentemente questionam a dicotomia corpo-mente presente na biomedicina, relacionando em um único episódio de doença elementos de ordem biológica, social, espiritual e moral. Contudo, o discurso das voluntárias sobre “saúde mental” revela uma lógica explicativa de divisão das doenças em “físicas” e “psicológicas” ou “emocionais”.

As voluntárias atribuem explicações diversas à grande incidência de “depressão”, “stress”, “nervosismo” e outras doenças afins na população atual: excesso de trabalho; problemas financeiros e conjugais; perda de algum ente querido; excesso de preocupação com os problemas dos outros; “mágoa guardada” por algum acontecimento do passado, etc. Em todos os casos, é a dimensão “psicológica” ou “emocional” do ser humano

que se encontra doente e é esta dimensão que o doente precisa tratar para se curar. Neste sentido, as voluntárias concedem grande importância à conversa e ao “desabafo”, assim como à realização de atividades terapêuticas que ajudem a aliviar as angústias, tensões e preocupações da vida cotidiana.

Por outro lado, percebo o trabalho realizado pela Associação Vida Verde como “alternativo” em relação à prática biomédica em dois aspectos: o atendimento mais “humanizado” em contraposição ao distanciamento da relação médico-paciente e a utilização de fitoterápicos para o tratamento de algumas doenças em oposição ao consumo de medicamentos alopáticos.

As voluntárias percebem a relação entre médicos e pacientes como hierarquizada e de difícil diálogo. Na Pastoral, usuários e voluntárias compartilham do mesmo vocabulário para falar das doenças e estabelecem um diálogo entre iguais, ou seja, sem a hierarquia estabelecida pelo domínio de um saber científico adquirido com a formação em medicina. As voluntárias estão sempre dispostas a ouvir diversas queixas, mesmo que não estejam diretamente relacionadas com a doença em questão. Esse ato de “ouvir” é reconhecido por elas como um diferencial em relação ao atendimento médico, que em geral se restringe à identificação dos sintomas, diagnóstico e prescrição de remédios.

Em relação ao tratamento de doenças com medicamentos, as voluntárias criticam o consumo exagerado de “remédios fortes” por parte da população, quando em grande parte dos casos o problema pode ser resolvido com chás e outras formas de “tratamento natural”. O consumo de fitoterápicos aliado a práticas cotidianas de prevenção, como cuidar da alimentação e praticar atividades físicas, seria “suficiente” para tratar diversas doenças que são tratadas pelos médicos com medicamentos alopáticos.

Por conseguinte, entendo o trabalho desenvolvido pela Pastoral da Saúde no bairro Saco Grande, em Florianópolis / SC como uma prática de “medicina popular” em constante diálogo com a biomedicina, estabelecendo com ela e com outras “práticas populares” de cura aproximações e distanciamentos nos diversos aspectos que permeiam sua atuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IRIART, J. A. B. Concepções e representações da saúde e da doença: contribuições da Antropologia da Saúde para a Saúde Coletiva. Salvador: ISC-UFBA, 2003 (Texto didático).

LOYOLA, M. A. *Médicos e Curandeiros: Conflito Social e Saúde*. São Paulo: Difel, 1984.

QUEIROZ, M. S. “Estratégias de Consumo em Saúde entre Famílias Trabalhadoras”. In: *Cadernos de Saúde Pública*, pp. 272-282. Vol. 9, n. 3, Jul. / Set. 1993.